

México e Brasil

Luiz Carlos Bresser-Pereira
Folha de S.Paulo, 18.06.07

O que há de comum nos dois países além da subordinação aos Estados Unidos é a taxa de câmbio apreciada

O BRASIL e o México são os dois gigantes da América Latina quando avaliados pela dimensão geográfica, pela população, pelo PIB. Mas nos últimos 20 anos são realmente dois gigantes ou dois anões? Dadas as taxas de crescimento dos dois países quando comparados com os concorrentes internacionais, não há nada por que nos orgulharmos. Estive no México na semana passada para fazer três conferências. Foi um prazer visitar novamente aquele país maravilhoso pela natureza, pelo povo mestiço, por tradição aristocrática asteca e maia; nós, brasileiros, temos também por que nos orgulhar por nossas origens negras e índias, mas é impossível deixar de admirar o poder da cultura e da identidade nacional que os mexicanos foram capazes de construir a partir de suas origens origem espanholas e índias.

Desta vez, entretanto, não encontrei os mexicanos orgulhosos. Lá, como aqui, identidade nacional não é a mesma coisa que independência nacional. Aqueles com os quais conversei estavam antes indignados com o que está acontecendo no seu país desde que ele aceitou fazer um acordo comercial que o subordinou aos EUA. Nós não fizemos um acordo igual, mas desde 1991 nossa subordinação não tem sido muito diferente. Tanto um país como o outro renunciou a sua condição de nação e aceitou a dependência em relação aos EUA, curvou-se aos diagnósticos, recomendações e pressões da ortodoxia convencional.

Vemos no quadro (índice de aumento da renda per capita e da produção da indústria de transformação a partir de 2000) a conseqüência dessa demissão nacional. Como não poderia deixar de ser na era da globalização, ou seja, em uma fase em que a competição econômica entre as nações é mais aberta e forte do que em qualquer outro tempo, no Brasil, o resultado foi a quase-estagnação, no México, a estagnação, não obstante a teoria econômica preveja o gradual alcançamento dos níveis de renda dos países ricos.

O que há de comum nos dois países além da subordinação internacional é a taxa de câmbio apreciada. Ora, nada é melhor para nossos concorrentes ricos do que uma taxa de câmbio que diminua nossa competitividade internacional, neutralizando nossa

vantagem de mão-de-obra mais barata. Nos países em desenvolvimento, a taxa de câmbio tende a ser apreciada principalmente pela adoção da "estratégia" de crescimento com poupança externa e pela doença holandesa. É necessária, portanto, uma política ativa por parte do governo para neutralizar esses fatores. Uma política que nossos concorrentes ricos naturalmente condenam em nome de um liberalismo econômico que, nesse caso, só interessa a eles.

No Brasil houve algum crescimento nesta primeira metade da década porque o preço de nossas commodities aumentou e com eles as nossas exportações explodiram. No México, apesar de seus incontáveis acordos comerciais, isso não ocorreu. Nos dois países, o câmbio apreciado vai transformando a indústria de transformação em indústria maquiladora, mas no México o problema é mais grave, e a indústria está rigorosamente estagnada.